

Ato psicanalítico. Aproximações.¹

Inezinha Brandão Lied²

“[...] toda uma parte de meu ensino não é ato analítico, senão tese, e a polêmica inerente a ela, acerca das condições que redobram a equivocação própria do ato, com um fracasso de suas incidências.”

J. Lacan. A Equivocação do sujeito suposto saber.

“(...) Em vez de indagar como se dá uma cura pela análise (assunto que acho ter sido suficientemente elucidado) se deveria perguntar quais são os obstáculos que se colocam no caminho de tal cura.”

S. Freud. Análise terminável e interminável.

Reafirmar que o ato psicanalítico é o ato próprio do psicanalista, implica desdobrar uma série de consequências em nossa práxis. Se, por um lado, Lacan não deixa de afirmar que o ato psicanalítico diz respeito, em primeiro lugar, aos que não o professam;³ por outro lado, nos fez pensar seriamente, não por acaso, no que se passa do lado do analista. No *Seminário 24, “L’insu...”*, diz que a “boa vontade do analisante não encontra nada pior que a resistência do analista”⁴, ou seja, por mais paradoxal e estranho que pareça, o analista resiste sim ao ato que lhe é próprio - e o fato de fazê-lo ou não fazê-lo, não é sem consequências. Portanto, da natureza própria deste ato resultam sérias consequências quanto a posição que há que sustentar, do lado do analista, para exercê-lo habilmente.

Ato psicanalítico, esse “estranho par de palavras” como se refere Lacan na primeira classe do *Seminário 15*⁵, e para introduzir de que se trata no ato remarca que em psicanálise precisamente se fala. É a dimensão linguajeira que o mestre francês retoma para insistir na distinção entre ato e ação. Quando falamos de ato ou do que é um ato falho, ou ainda do esquecimento de nomes próprios, nada disso tem a ver com fenômenos referentes ao

¹ Texto para o V Congresso Internacional de *Convergencia* “Ato Psicanalítico. Suas incidências clínicas, políticas e sociais.” Plenária. Porto Alegre, junho de 2012.

² Analista, Membro de Maiêutica Florianópolis- Instituição Psicanalítica. Delegada titular da Maiêutica em *Convergencia*.

³ LACAN, J. Seminário 15, *O Ato Psicanalítico*. Aula de 22.11.67. Inédito

⁴ LACAN, J. Seminário 24. *L’insu ...*. Aula de 11.01.77. Inédito

⁵ LACAN, J. Seminário 15, *O Ato Psicanalítico* [1967]. Inédito.

movimento motriz. Freud já escolhera o termo ato – Akte em alemão – para fundamentar o falido nos atos psíquicos, portanto é este que legitima a referida formação do inconsciente.

Tomando o ato falho, Lacan assinalou que se aí podemos falar de ato é porque o falido adquire um valor novo, e isto devido a uma reativação significativa.

O ato não é uma variante da ação que poderia ser pensado como obra da motilidade do sujeito. No ato há que considerar a transcendência no que se refere a posição subjetiva implicada - o sujeito não se dá conta do que ocorre, não se previne, como também não tem ideia das conseqüências derivadas do mesmo. Assim, Lacan diferencia ato de qualquer eficácia atinente ao fazer, de caráter predominantemente motriz⁶. Tomando em consideração a não-previsão absoluta que caracteriza o ato, a eficiência deste só poderá definir-se depois.

II. Irreversibilidade

Desde Lacan, o ato assinala um suceder vital dos falantes, marcando um corte, indica um antes e um depois. O que ocorre no ato é da ordem do acontecimento e aponta a um *começo*. Por conseqüência conota a correlativa **incidência** derivada de uma condição de irreversibilidade. É uma maneira de dizer que efetivamente depois do ato as coisas não voltarão a ser o que eram antes, porque não existem as coordenadas válidas para um possível retorno a situação pretérita.

Além de qualquer captura por parte do Simbólico, e como efeito da repetição, o **ato não deixa de lançar um *real inassimilável*** – onde o registro do previsível e do antecipável se esquia, cedendo lugar ao ***incalculável como traço inerente a todo ato***. Trata-se de uma ***aposta*** cujos resultados não podem ser garantidos de antemão, portanto não previsíveis.

Reiteramos com Lacan que o ato que implica o psicanalista é o cernido pela dimensão linguageira, pois nesta dimensão se localiza cada ocasião singular na qual o sujeito se faz cargo da linguagem, enquanto “portador” da mesma. Nesta dimensão se encontra o “ato de fala”⁷, como possibilidade de o analisante se articular com um modo inédito de nominar sua experiência vital. Se trata da invenção de significante novos que podem estalar para cada analisante.

⁶ LACAN, J. Seminário 15. *O Ato Psicanalítico*. Aula de 15.11.67. Inédito.

⁷ AUSTIN, J. *Quando dizer é fazer. Palavras e ação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

No entanto, esta possibilidade implica uma operatória específica do psicanalista, já não trabalhando com o Simbólico generalizado, mas sim com o Real da linguagem que é sempre por pontas, pedaços, fragmentos. Reallinguagem como propõe Harari.

III. Saber-fazer-com a transferência

A transferência excede a situação analítica, mas é esta que permite saber o que fazer com ela – a possibilidade do *saber-fazer-com* a transferência só acontece na situação analítica. A transferência chama o ato analítico, de tal forma este último requer a transferência.

No clássico texto *A dinâmica da transferência* Freud alertara para as dificuldades com a transferência: “*não se discute que controlar os fenômenos da transferência representa para o psicanalista as maiores dificuldades [...]*”⁸ No que diz respeito à sua posição subjetiva, o analista opera precisamente com seu desejo – denominado por Lacan *desejo do analista*. Podemos localizar aí um ponto de dificuldade. Porque a complexidade que envolve a transferência não está limitada ao que se passa do lado do analisando, pois do outro lado - o do analista - está o que deve ser o desejo do analista. Se e quando o analista aceita ocupar o difícil lugar que lhe é atribuído como Sujeito suposto ao Saber, o faz “autorizado” por este desejo que lhe é próprio. E atendendo aos “deveres” do desejo do analista pode “forçar” a linguagem mais além do jogo da polissemia.⁹

Em *Problemas Cruciais para a Psicanálise*, Lacan se interroga sobre “Qual deve ser esse desejo do analista, para sustentar-se neste ponto de extrema cumplicidade, cumplicidade aberta à surpresa? [...] O jogo se constitui no inesperado.”¹⁰ Inesperado que revela espera já esperada. Paradoxalmente o analista se prepara para o inesperado – saber o que ignora. Não há antecipação, mas “legítima im-previsão.”

Quando dissolve sua Escola Freudiana de Paris¹¹, Lacan diz que o analista “tem horror ao seu ato”. Horror de comprovar que seu ato é eficiente. A figura do “horror ao ato” cometido ou por cometer reafirma a posição que há que sustentar por parte do analista— para suportar **a potência de seu ato**. Porque o horror ao ato, **é horror por plenificar o dizer**,

⁸ FREUD, S. *A dinâmica da Transferência* - ESB Vol.XII p. 143

⁹ HARARI, R. *Un operar “terapêutico” del psicoanálisis*. In:___El fetichismo dela torpeza y outros ensayos psicoanalíticos. Rosário: Homo Sapiens, 2003. p.6.

¹⁰ LACAN, J. *Problemas cruciais para a psicanálise*. Aula de 19/05/65. Inédito

¹¹ LACAN, J. Dissolução. [15.01.1980]

por calibrar a potência do ato linguajeiro, com os efeitos e as consequências geradas por nossa práxis poética. O sujeito resulta transformado pelo ato, sem poder calibrar os efeitos desencadeados por sua intervenção. E, sendo o ato psicanalítico patrimônio do analista e não do analisante, podemos dizer que o ato *cometido* pelo analista, condiciona (mediante a *Verleugnung*) que este tampouco chegue a captar os efeitos do sucedido.

Se trata no analista - responsável pela instrumentação do ato psicanalítico – do manejo (*maniement*) da transferência, o qual envolve a realização de “manobras” na mesma.¹² Manobrar: servir-se de artifícios, praticar com astúcia.¹³ É com a possibilidade de arranjar-se, de manejar-se com a transferência que o analista não resistirá a trabalhar com seus analisantes, sustentando o ato psicanalítico, sem deixar-se tomar pelo horror ao ato. Haver-se com a transferência é ponto crucial do ato psicanalítico – é o que nos caracteriza como analistas.

Nesta direção, Roberto Harari adverte aos analistas que somente uma clínica em que a transferência compreenda um alcance novadoramente Real, onde *os forçagens* do analista possam transcender a hermenêutica interpretativa, e onde, em fim, seja factível a implementação de atos analíticos não regidos pela exclusiva “neutralidade valorativa”, por tudo isso, esta clínica psicanalítica poderá ser capaz de enfrentar os desafios colocados pelas mudanças epocais nos posicionamentos subjetivos.¹⁴

Inezinha B. Lied

Li84@floripa.com.br

48 3232 0365

¹² HARARI, R. *Interpretación Acto, o a la inversa, o outra cosa*. In: ____ El fetichismo de la torpeza y otros ensayos psicoanalíticos. Rosário: Homo Sapiens, 2003. p.112.

¹³ BUARQUE DE HOLANDA, A. Novo Dicionário da Língua portuguesa. Curitiba: Ed. Positivo, 2004.

¹⁴ HARARI, R. *Nota Preliminar*. In: ____ O que acontece no ato analítico? A Experiência da psicanálise. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2001.